

# Sinuca de bico

A IMPOPULAR REFORMA DA PREVIDÊNCIA É DECISIVA PARA A SOBREVIVÊNCIA DE UM GOVERNO QUE PRECOCAMENTE FAZ ÁGUA NO CONGRESSO E PERDE POPULARIDADE. O "MERCADO" ACORDA DO AUTOENGANO. E TEM O MOURÃO...

por ANDRÉ BARROCAL

**A** tradicional lua de mel de 100 dias desfrutada pelos presidentes brasileiros em início de governo ain-

da nem se completou com Jair Bolsonaro e já há uma dúvida no ar: ele vai terminar o mandato? Não é uma incerteza alimentada pelos sentimentos de torcedor daqueles 45% que votaram em Fernando Haddad. Não, é obra de uma combinação de fatores a produzir um ambiente que faz lembrar a agonia de Dilma Rousseff.

A Câmara dos Deputados está indócil com os métodos do Palácio do Planalto e tenta domesticar Bolsonaro, com a imposição de derrotas, mas o presidente radicaliza, dobra a aposta contra o que chama de "velha política" e briga com o comandante da Casa, Rodrigo Maia. Sorte dele que o deputado não é um incendiário à

Eduardo Cunha. "Paradoxo brasileiro: os partidos são fracos, o Congresso é forte. Presidente que não entende isso não governa e pode cair; maltratar quem preside a Câmara é caminho para o desastre", disse Fernando Henrique Cardoso no Twitter, em 24 de março.



O vice trata de encantar a turma da Fiesp

O homem destacado pelo ex-capitão paralidar com o Congresso, Onyx Lorenzoni, chefe da Casa Civil, reforça os feitos presidenciais feito um Aloizio Mercadante. É tido como arrogante e não tem lá muitos fãs no Legislativo. O tripé político que levou o ex-capitão à vitória está em uma luta intestina:

o "guru" Olavo de Carvalho e sua trupe, os evangélicos e os militares. O PSL, partido do presidente e dos laranjas, é uma bagunça. "Se tudo continuar como está, já está mal. Não precisa mudar nada para ficar mal. É só continuar isso mais seis meses e acabou", disse o "guru", em 16 de março.

A economia não mostra força e a principal cartada do governo para empurrá-la, a reforma da Previdência, empacou. O presidente apela ao empresariado para pressionar por ela, arranca declarações públicas de gente graúda, mas os parlamentares não dão bola e retaliam a proposta com ela parada mesmo. "Sem a reforma



da Previdência, não haverá retomada do crescimento. O PIB será um com a reforma e será outro, completamente diferente, sem ela”, afirmou na segunda-feira 25 José Velloso Dias Cardoso, vice-presidente da Abimaq, a associação dos fabricantes de máquinas, após uma reunião de Bolsonaro com empresários.

O ministro da Economia, Paulo Guedes, o liberal radical responsável por atrair a simpatia do “mercado” ao ex-capitão, ameaça demitir-se, caso sua reforma não passe ou seja desfigurada. “(Se) O presidente não quer, o Congresso não quer (*ó que proponho*), vocês acham que vou brigar para ficar aqui?”, comentou no Senado na quarta-feira 27. Sua situação lembra a de Joaquim Levy, hoje no comando do BNDES, outro neoliberal sem tato na lida com o Congresso, nomeado e demitido por Dilma. Atônito, o sistema financeiro vê no ex-capitão uma “Dilma de calças” e dá início a uma correção de rota. O dólar atinge a maior cotação em seis meses, na casa dos 4 reais, a Bolsa cai ao menor patamar desde janeiro. “A classe empresarial e o mercado perceberam que o conjunto



O casal Bolsonaro vai ao cinema, e a primeira-dama dedica-se à pregação evangélica

do ajuste proposto pelo Paulo Guedes e o Bolsonaro não vai andar na velocidade imaginada”, diz André Perfeito, economista-chefe da Necton Investimentos.

Todo esse imbróglio ocorre paralelamente à queda na popularidade de Bolsonaro. A avaliação positiva do governo está em de 34%, informa um Ibope de março. Em janeiro, era de 49%. Em fevereiro, de 39%. A confiança pessoal no presidente diminuiu de 62% para 55% e agora está em 49%. “Se há uma

conclusão nestes três meses de governo é que o Bolsonaro não tem capacidade de liderança”, diz Edinho Silva, último ministro da Comunicação Social de Dilma. Enquanto isso, o vice Hamilton Mourão namora a elite. É estrela na Fiesp, move-se com uma desenvoltura de Michel Temer, preso e solto recentemente após 40 anos na chefia de uma quadrilha, descrição do emedebista feita pela Operação Lava Jato. Lava-jatismo que é contra a reforma da Previdência.

## REPORTAGEM DE CAPA

A propósito de Mourão, circula no mercado financeiro em São Paulo uma história esquisita. O general participou de eventos promovidos pelo mundo das finanças na campanha. Em um teria pedido 25 mil reais aos anfitriões. Quem ouviu o pedido desconversou. Mourão teria feito a mesma solicitação ali a um banco e sido atendido. A *CartaCapital* o general negou “de maneira enfática”, através de sua assessoria de imprensa, ter pedido dinheiro aos anfitriões do evento e ao banco.

**B**olsonaro sabe que sua situação é delicada, que há risco de ter de lutar para salvar o mandato. E agride os que aponta como inimigos. “A mídia cria narrativas de que não governo, sou atrapalhado etc. Você sabe quem quer nos desgastar para se criar uma ação definitiva contra meu mandato no futuro”, escreveu ele no Twitter na quarta-feira 27, após o GloboNews noticiar que o ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, teria sido demitido. Uma exoneração negada pelo presidente.

Diante de tamanha confusão, resta ao ex-capitão apelar àquelas milícias digitais decisivas para seu triunfo nas urnas e que hoje aborrecem os congressistas. Uma guerrilha que pode ser desmontada por um inquérito do Supremo Tribunal Federal (STF), aberto para investigar ameaças a juízes e seus familiares. “As pessoas que querem Bolsonaro longe das redes sociais sabem que é isso que o conecta com o povo, já que não tem mídia a seu favor. Foi isso que garantiu sua eleição, inclusive. Em outras palavras, o querem fraco e sem apoio popular, pois assim conseguiriam chantageá-lo”, disse no Twitter, na segunda-feira 25, Carlos Bolsonaro, filho do presidente.

“Vivemos o caos. Só não sei se é incompetência ou se é estratégia do presidente”, afirma o líder da oposição na Câmara, deputado Alessandro Molon, do PSB. “Será que o Bolsonaro quer criar um clima



de ingovernabilidade? Para poder dizer que não consegue governar por causa do Congresso e aí justificar uma medida mais dura, quem sabe o fechamento do Congresso? Ele claramente tenta polarizar com o Congresso para tentar recuperar popularidade.”

Quem fechou o Parlamento foi a ditadura da qual Bolsonaro sente saudades e que completa 55 anos. Um aniversário que o presidente, em meio à queda de braço com o Congresso, mandou os quartéis

festejarem. O ex-capitão não quer nomear indicados partidários para cargos em troca de votos no Legislativo. Naquilo que é sua batalha econômica mais importante, a reforma da Previdência, acha que já fez sua parte. Mandou a proposta. Agora os congressistas que votem. Deixou isso claro ao comentar a prisão de Temer. “O que levou a essa situação, pelo que parece, são os acordos políticos dizendo-se em nome da governabilidade. A governabilidade você não faz com esse tipo de acordo”, disse no Chile. “O que que é articulação? O que está faltando eu fazer? Eu pergunto para vocês. O que foi feito no passado? Eu não seguirei o mesmo destino de ex-presidentes, pode ter certeza.”

A falta de articulação de Bolsonaro na reforma tinha sido apontada por Rodrigo Maia em 21 de março, início de um bate-boca, obra de dois sujeitos meio mimados e dados a chiliques, que atingiu o auge na quarta-feira 27. Bolsonaro está

**O SISTEMA  
FINANCEIRO  
ENXERGA NO  
CAPITÃO UMA  
“DILMA DE CALÇAS”.  
O DÓLAR ATINGE  
A CASA DOS 4 REAIS**



Guedes não é do agrado deste plenário. Rodrigo Maia, no final de março, disse que Bolsonaro “está brincando de presidir”

“brincando de presidir”, disse publicamente o deputado. Resposta a uma declaração que o ex-capitão tinha acabado de dar na Band. Maia, segundo ele, está “um pouco abalado com questões pessoais”. Uma provocação devido ao fato de o deputado ser genro de um amigo de Temer preso juntamente com o emedebista, o ex-ministro Moreira Franco. “Abalados estão os brasileiros que estão esperando desde 1º de janeiro que o governo comece a funcionar. São 12 milhões de desempregados, 15 milhões de brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza e o presidente brincando de presidir o Brasil”, devolveu o deputado. Sorte do presidente que Maia é um neoliberal e sincero defensor da reforma, uma pessoa que começou a carreira profissional de economista dentro de bancos, ardorosos pregadores de mudanças na Previdência.

**O**s dados econômicos do início de 2019 não entusiasma. De dezembro para janeiro o desemprego subiu de 11,6% a 12%. Em fevereiro, porém, cresceu o número de empregos formais, 173 mil vagas, o melhor resultado para o mês em cinco anos. Em janeiro, o setor de serviços, o mais pesado

no PIB, encolheu 0,3%. As previsões do “mercado” colhidas pelo Banco Central sobre o crescimento este ano recuam lentamente há quatro semanas, estão pelos 2%. Pesquisas recém-saídas do forno da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostram: a intenção dos empresários de investir caiu em março, após cinco meses em alta, assim como caiu a confiança dos empreiteiros após dois meses de alta. Reflexos, diz a CNI, do “recuo na confiança dos empresários em relação às perspectivas futuras dos negócios. Todos os indicadores de expectativas caíram entre fevereiro e março”.

Um grupo de 13 industriais gaúdos, presidentes de entidades setoriais, esteve com Bolsonaro e Paulo Guedes na segunda-feira 25. Eles fazem parte da Coalizão Indústria. Entre os presentes, Antonio Carlos Botelho Megale, da Anfavea (montadoras), Fernando Figueiredo, da Abiquim (setor químico), Humberto Barbato, da Abinee (eletroeletrônica), José Carlos Rodrigues Martins, da CBIC, (construção civil), Marco Polo de Mello Lopes, do Aço Brasil, Synésio Batista da Costa, da Abrinq (brinquedos), e o já citado Dias Cardoso, vice da Abimaq. O grupo combinou reuniões trimestrais com Guedes, que logo após a vitória de Bolsonaro declarou que salvaria “a indústria brasileira, apesar dos industriais brasileiros”. E arrancou a sinalização de que em 15 dias sairá um pacote pró-competitividade.

O principal assunto foi, porém, a Previdência. “É o ponto de partida para a retomada do crescimento”, definiu Mello Lopes. Para o grupo, uma reforma qualquer não serve. Tem de ser o “projeto potente” de Guedes, a economizar 1 trilhão de reais em dez anos, salientou Dias Cardoso. Os empresários prometeram acionar seus contatos no Congresso, fazer lobby pela reforma. Parlamentar simpaticista de empresa é o que não falta, apesar de a última eleição ter sido sem doações patronais. Dos 513 deputados, uns 200 (38%) são empresários,



PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS E MARCOS CORRÊA/PR

## REPORTAGEM DE CAPA

conforme o Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap). No Senado, a bancada patronal é ainda maior: 38, dos 81 senadores, quase a metade.

Apesar das declarações e das promessas de *lobby* dos empresários, um dia depois os deputados impuseram duas derrotas a Bolsonaro. Uma foi a aprovação de uma “pauta-bomba” fabricada contra Dilma em 2015, a proibição de o governo segurar verba destinada por bancadas estaduais a obras pelo País, um tipo de orçamento impositivo. A outra, na própria reforma da Previdência, que nem sequer tinha um relator para tomar conta dela. O chamado “Centrão”, aquela turma direitista acostumada a trabalhar por seus próprios interesses, siglas como MDB, PR, DEM, PRB, PTB, PSD e Solidariedade, reuniu-se na Câmara e anunciou: não vai deixar mexer na aposentadoria rural nem no BPC, benefício de caráter assistencial pago a idosos. Ou seja, adeus “projeto potente” de 1 trilhão de reais. Líder do “Centrão”, Elmar Nascimento, do DEM da Bahia, tem dito que o governo “perdeu a batalha da comunicação” na reforma e que o bloco até quer ajudar o Planalto, mas não tem vocação suicida.

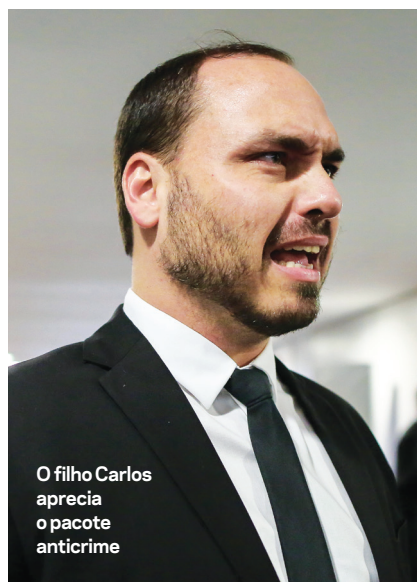
**U**m depoimento dado na segunda-feira 25 em uma comissão do Senado por um ex-economista de banco (*o BTG Pactual*) ilustra o “suicídio”. É uma “reforma extremamente cruel”, resumiu Eduardo Moreira. Tira dinheiro dos mais pobres, ao dificultar a aposentadoria dos trabalhadores, para dar aos ricos, os detentores da dívida pública. Uma desinteligência, na opinião de Moreira, pois rico poupa o que embolsa, algo que não ajuda a estimular a economia, enquanto o pobre gasta tudo o que recebe, um motor do PIB. Houvesse crescimento, disse, o alegado déficit da Previdência teria outro tamanho. Para ele, a melhora das contas públicas deveria vir com a cobrança de mais impostos dos ricos, afinal, “somos



“É uma reforma extremamente cruel”, disse Eduardo Moreira, tira dos pobres para dar aos ricos

um paraíso fiscal dos ricos”. Problema: no noticiário, no debate público, afirmou Moreira, “você vê o quê? Brancos, ricos, no ar condicionado, comentando a questão da Previdência... Quantos negros foram ouvidos, quantos representantes dos trabalhadores rurais?”

Dois dias antes de Bolsonaro engolir sapos no Congresso, na terça-feira 26, a consultoria global Eurasia Group havia



O filho Carlos aprecia o pacote anticrise

mandado a seus clientes do “mercado” um relatório em que classificava a semana anterior de “provavelmente a pior semana para o presidente Jair Bolsonaro, desde que ele foi eleito para o cargo”. E listava os motivos: descontentamento dos parlamentares, queixas deles de que a reforma da Previdência dos militares foi branda demais, Ibope presidencial em queda, prisão de Temer. Ainda assim, a consultoria via em 70% as chances de aprovação da reforma, devido ao apoio da mídia e do empresariado. E agora?

“A reversão de expectativas foi impressionante nos últimos dias, mas o mercado ainda está ‘comprado’ em Bolsonaro”, diz o analista de uma gigante estrangeira atuante no sistema financeiro em São Paulo. “Comprado”, no linguajar das finanças significa apostar a favor. Segundo esse analista, os investidores de fora nunca se iludiram como os daqui quanto à aprovação da reforma por Bolsonaro e eram cautelosos nos negócios. Agora, os daqui começam a cair na real. Uma história que pode ser contada pelas taxas de câmbio. Quando, em fins de agosto, começo de setembro, parecia provável a vitória de Haddad, que não



E o “funcionário de Bolsonaro” vai ao Senado e é possível que seu “pacote” ande também nesta casa

GERALDO MAGELA/AGÊNCIA SENADO, SÉRGIO LIMA/JAPF E EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

morre de amores pela reforma, o dólar subiu de 3,70 para 4,20. Ficou por aí uns 15 dias, apesar das intervenções do BC. Quando Bolsonaro despontou como favorito, o preço caiu de novo a 3,70. Esteve nesse patamar até o início de março. Na quinta-feira 28, bateu de novo na casa dos 4 reais. Uma alta capaz de quebrar um fundo, diz o analista. No “mercado”, já há economista com a seguinte opinião: “O Bolsonaro não dá, vamos ter de tirar esse cara daí”. Sem a reforma, o ex-capitão perde a utilidade para o “mercado”.

Bolsonaro nunca foi um reformista, como deputado votou a vida toda contra as propostas do gênero. Ele e seus filhos são mais interessados em tocar outra agenda. O pacote anticrime de Sérgio Moro, por exemplo. Carlos Bolsonaro, *ghost-writer* do pai no Twitter, saiu em defesa do ministro da Justiça com ataques a Maia, no dia em que o deputado tinha chamado o ministro de “funcionário de Bolsonaro” e botado na geladeira o pacote do ex-juiz. “Segurança sempre foi a principal preocupação dos brasileiros”, escreveu Carlos, o pacote “é a principal demanda de nossa população”. Para ele, daria para o pacote avançar na Câmara em paralelo à reforma

da Previdência, algo de que Maia discordava. Moro acaba de ir ao Senado, e agora é possível que o pacote ande paralelamente nas duas Casas.

O chefe da força-tarefa da Lava Jato em Curitiba, Deltan Dallagnol, atacou Maia frontalmente pelo Twitter, a alimentar a milícia digital bolsonarista de que o presidente da Câmara reclama. “Rodrigo Maia pressionou o governo Bolsonaro a distribuir cargos e vantagens aos deputados como condição para aprovação das reformas. Como não conseguiu, começou a criticar o governo e seus principais líderes. Nesse contexto, a pressão das redes sociais contra

**“BOLSONARO NÃO DÁ, VAMOS TER DE TIRAR ESSE CARA DAÍ.” OPINIÃO DE UM ECONOMISTA DO “MERCADO”**

a velha política será fundamental. Fora Maia.” Lava Jato que é contra a reforma da Previdência. A Ajufe, associação dos juízes federais, e a ANPR, a dos procuradores de Justiça, já divulgaram uma nota ao lado de outras 15 entidades. Não querem nem ouvir falar em aumento da contribuição previdenciária dos servidores. Açam “confisco”. Curiosidade: no Distrito Federal, terra dos servidores, Bolsonaro ganhou com 70% dos votos, sua quinta maior vantagem estadual.

**O**utra coisa que Bolsonaro quer no governo é acabar com a esquerda, apontada por ele como sua inimiga. Com a pobreza de 55 milhões de brasileiros (26% da população) e a desigualdade social (a décima mais obscuro do mundo), ele lida melhor. Como também lidava melhor a ditadura civil-militar que ele mandou festejar. “O presidente não considera 31 de março de 1964 golpe militar”, disse o porta-voz presidencial, general Otávio do Rego Barros, na segunda-feira 25, ao anunciar que o chefe “determinou ao Ministério da Defesa que faça as comemorações devidas”. Celebrações acertadas por Bolsonaro no dia anterior, um domingo, com o ministro da Defesa, general Fernando de Azevedo e Silva, embora este depois tenha dito em Washington que comemoração não era um termo apropriado. O certo era “relembrar” uma data histórica.

Para o ex-capitão, aquele regime teve aí uns “probleminhas” e só. Hum, quais seriam? Foram 434 militantes políticos mortos, sem contar os 8.350 indígenas, segundo a Comissão Nacional da Verdade. Corrupção também, vide um telegrama, conhecido em 2018, mandado em março de 1984 a Washington pela embaixada ianque em Brasília, intitulado “Corrupção e Política no Brasil”. Mais um “probleminha”: concentração de renda no 1% mais rico. Uma constatação do estudo “A Desigualdade Vista





"Se dependesse de Olavo de Carvalho, Bolsonaro nem para vereador conseguiria vencer", diz Malafaia

do Topo: A Concentração de Renda Entre os Ricos no Brasil, 1926-2013", de 2016. Diante da apologia do regime dos "probleminhas", uma repartição do Ministério Público Federal, a defensora dos direitos do cidadão, emitiu um comunicado a repudiar Bolsonaro. Com um alerta: "Pode caracterizar ato de improbidade administrativa", ou seja, caberia *impeachment*.

Se Bolsonaro tiver de lutar por seu mandato, quem sairá às ruas em sua defesa? O núcleo duro do bolsonarismo troca cotoveladas sem parar: a turma de Olavo de Carvalho, os evangélicos e os militares. O "guru" tem atacado os evangélicos, com quem se junta para falar mal dos militares e de Mourão. Carvalho adora lembrar que os crentes apoiaram o governo Lula e pularam na nau de Bolsonaro perto da eleição. "Se dependesse de Olavo de Carvalho nem para vereador Bolsonaro conseguiria vencer. No voto para presidente, Bolsonaro teve dos evangélicos mais de 11 milhões de votos em relação ao que Haddad recebeu dos evangélicos", escreveu o "bispo" Silas Malafaia, líder da Assembleia de Deus, no Twitter, em 23 de março.

Os protestantes estão indóceis com Bolsonaro, devido ao que consideram desprezo. No Congresso, a Bancada da Bíblia tem mandado vários recados de

clima insurrecional, em busca de carinho. Ameaça boicotar a reforma da Previdência e declarar-se "independente" do Planalto. E quer a cabeça do ministro da Educação, Vêlez Rodríguez, um indicado de Carvalho. Consolo para os evangélicos: a viagem de Bolsonaro a Israel, entre 31 de março e 4 de abril. Anunciaria o presidente o reconhecimento de Jerusalém como capital daquele país, sonho dos evangélicos? Mourão, como se sabe, é contra e já disse não haver decisão de Estado a respeito.



Santos Cruz perde a paciência: "Olavo de Carvalho é um desequilibrado"

Ele os militares não param de tomar pancadas de Olavo de Carvalho, para quem as Forças Armadas permitiram – é o delírio que ele professa – a volta do "comunismo" no País. E por ver nos generais docilidade perante os jornalistas, chamados pelo "filósofo" de "inimigos do povo". O "guru" gosta de fustigar Mourão em particular. "Um cara idiota", tascou em Washington, em 16 de março, véspera de um jantar em sua homenagem na embaixada brasileira. Bolsonaro estava no jantar e comentou que o "filósofo" é "um dos grandes inspiradores meus".

**O**s ataques de Carvalho foram uma humilhação para Mourão e, por tabela, para todos os generais do governo. O vice promete processá-lo, se for ofendido de novo. Outro general, Carlos Alberto dos Santos Cruz, ministro da Secretaria de Governo, perdeu a paciência. Em entrevista à *Folha* da segunda-feira 25, chamou o "guru" de "desequilibrado". "Por suas últimas colocações na mídia, com linguajar chulo, com palavões, inconsequente, o desequilíbrio fica evidente." Tomou uma resposta, pelo Twitter: Em sua próxima aula de filosofia pela



O ideólogo da revolução bolsonarista define Mourão como "um idiota"

internet, escreveu Carvalho, "darei um recadinho ao assanhado Santos Cruz".

Se Bolsonaro de fato balançar e perder a utilidade econômica, quem está na ponta dos cascos é seu intrigante e atacado vice. Há tempos Mourão constrói uma liderança paralela, aberto a queixosos com o governo, em especial empresários e embaixadores de outros países. Na terça-feira 26, participou da reunião quinzenal da diretoria da Fiesp, uma entidade ativa na derrubada de Dilma. O general não decepcionou. Só falou músicas para o empresariado: mal do salário mínimo e das leis trabalhistas, bem do neoliberalismo, "nada mais que a defesa intransigente do direito à propriedade privada, pois onde não há propriedade não há o único sistema econômico que deu certo no mundo, que é o capitalismo". Em seguida, ele participou de um jantar na casa do presidente da Fiesp, Paulo Skaf, coisa para uns 40

comensais donos de um patrimônio estimado em 1 trilhão de reais.

Na quarta-feira 27, os deputados petistas Paulo Teixeira e Henrique Fontana apresentaram uma proposta de mudança na Constituição batizada ironicamente de "PEC Anti-Mourão". Ela diz que, se um presidente perder o cargo, nada de

o vice assumir: que haja outra eleição. Fontana foi anfitrião de algumas conversas dos partidos de oposição. Custou, mas enfim o bloco conseguiu posar para uma foto em conjunto. Foi na terça-feira 26 e tinha como tema a unidade de PCdoB, PDT, PSB, PSOL, PT e Rede no boicote à reforma da Previdência. Após um "esquenta" em 22 de março, movimentos sociais e sindicatos tentam tirar do papel a ideia de uma greve geral. Conseguirão? "Se o Bolsonaro não conseguir aprovar a reforma até 15 de dezembro", diz Fontana, em alusão ao início da folga dos parlamentares, "acho que a elite vai passar as férias pensando em como tirá-lo do cargo."

Mourão no poder? Bolsonaro convertido em rainha da Inglaterra com todo poder prático nas mãos do Congresso? Ou o ex-capitão conseguirá sair da enrascada? A conferir os próximos capítulos. •

**SE A REFORMA NÃO FOR APROVADA ATÉ 15 DE DEZEMBRO, A ELITE PASSA AS FÉRIAS PENSANDO EM COMO DERRUBAR BOLSONARO. OPINIÃO DO DEPUTADO FONTANA**